



O Jornalista Esportivo mais Jovem do Brasil: a história de um profissional que começou na imprensa aos 11 anos¹

BEDENDO, Ricardo²

GUERRA, Márcio de Oliveira³

PASCHOALINO, Christiane Bara⁴

AMERICANO, Álvaro Eduardo Trigueiro⁵

Resumo

Trata este trabalho da síntese do livro que está sendo escrito pelos autores deste artigo⁶, que conta a história de Mário Helênio de Lery Santos. Homem que foi destacado pela edição do Jornal “O Globo” (24/06/1941) como o mais jovem jornalista brasileiro. No primeiro dia de 1941, ainda com 15 anos, teve sua carteira de trabalho assinada pelo jornal juiz-forano Diário Mercantil. Aos 16, com o pai, também profissional de imprensa, realizou no Rio de Janeiro aquela que seria a sua primeira grande entrevista oficial: com Getúlio Vargas, então Presidente da República. No entanto, antes disso, pesquisas mostram que ele já atuava informalmente na comunicação, desde o período entre 8 e 11 anos. Mais tarde, seu programa de rádio, chamado “No Giro da Bola” teve a sua apresentação durante 39 anos ininterruptamente, sempre líder de audiência. Morto em 1995, deixou uma legião de seguidores na profissão e é o nome do Estádio Municipal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Palavras-chave

Mário Helênio de Lery Santos; jornalismo esportivo; história, memória;

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2014.

² Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF; mestre em Ciências Sociais pela UFJF e membro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação e Esporte, da Intercom, e de Comunicação, Esporte e Cultura da UFJF.

³ Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF; doutor em Comunicação pela UFRJ; mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ e membro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação e Esporte, da Intercom, e de Comunicação, Esporte e Cultura da UFJF.

⁴ Professora das Faculdades Integradas Vianna Júnior; mestre em Comunicação pela UFJF e membro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação e Esporte, da Intercom, e de Comunicação, Esporte e Cultura da UFJF.

⁵ Professor da Faculdade de Comunicação da UFJF, Mestre em Comunicação pela UFRJ e membro do Grupo de Pesquisa de Comunicação, Esporte e Cultura da UFJF.

⁶ Participam da pesquisa, como bolsistas de iniciação científica, os alunos, Vitor Ramos e Thiago Esteves.



I - DE PAI PARA FILHO

Mário Helênio tomou gosto pelo jornalismo desde criança. Seu pai, Jarbas de Lery Santos, também começou a vida profissional cedo. Foi tipógrafo e, aos 16 anos, criou com o irmão o semanário “A Verdade”, impresso e oficina própria. (NOBREGA, D. 1982 *apud* CAMPOS E SANTOS 1998, p.21/22). Natural de Rio Novo, Jarbas mudou-se para Juiz de Fora, onde se casou e teve dois filhos. Mário nasceu em 22 de maio de 1925 e já foi notícia, no jornal “O Dia”, onde seu pai começou a carreira na imprensa juiz-forana. Na ocasião, até a coluna social da época registrou seu nascimento.

Segundo Campos e Santos (1998), a influência da família e o gosto pelo jornalismo, reforçados pelo tio Phintias Guimarães (também jornalista), levou Mário Helênio, desde os oito anos, a ver de perto o funcionamento das redações nas quais o pai atuava. Com 10 anos, contam os autores, ele já acompanhava o tio no Diário Mercantil, um dos mais importantes periódicos da história da imprensa de Juiz de Fora. Aos 11, em 1936⁷, começou informalmente a sua carreira nas publicações O Pharol e Jornal do Commercio, então dirigidas pelo pai (LERY SANTOS, 1990). Ainda quando aluno do ginásio, no Instituto Bicalho, deu os primeiros passos no jornalismo esportivo.

Em depoimento a Andreola (1995), Mário Helênio contou que a pedido de seu professor de Ginástica e Esportes do colégio, Adelino Notaroberto, levava para a redação do Diário Mercantil as notícias esportivas da instituição de ensino. Lá chegando, recebia do jornalista Fábio Nery, chefe do setor de esporte do periódico, a incumbência de redigir essas notícias.

Eu levava esse noticiário para ele divulgar no jornal. Mas eu era tão constante que ele disse assim – meu apelido familiar era filhinho: “Filhinho, você não quer, de vez em quando, escrever umas outras coisas que não sejam do seu colégio?” (ANDREOLA, 1985, anexo 12)

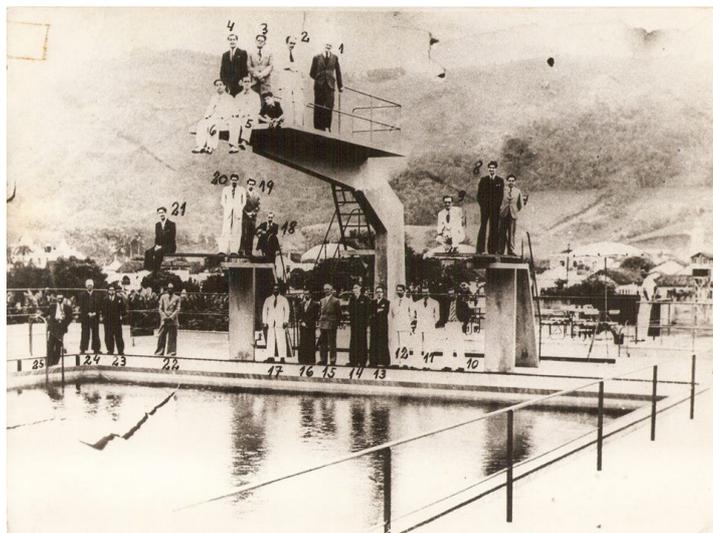
Diante deste estímulo, Mário conta que começou a se interessar ainda mais pelo jornalismo.

Eu cortava os jornais e todo dia eu tinha o meu próprio jornal com os recortes dos jornais do Rio de Janeiro. Daí surgiu, por parte do Arides Braga, que foi um dos grandes nomes da imprensa esportiva de Juiz de Fora, o meu apelido de Tesourinha. (ANDREOLA, 1995, anexo 12).

⁷Em depoimento ao Museu da Imagem e do Som de Juiz de Fora (1990), Mário Helênio reforça a informação: “Em 1986, nós vamos em frente, quando eu completei 50 anos de imprensa, de atividade na imprensa [...]”

Uma das suas primeiras atividades de cobertura foi no Olímpico Atlético Clube, uma de suas grandes paixões esportivas. Mas, a primeira “grande reportagem” foi realizada em 1938, quando cobriu a inauguração da primeira piscina suspensa da América Latina, pertencente ao Sport Club Juiz de Fora, conforme mostra a imagem 1.

IMAGEM 1 – Mário, primeiro da direita para a esquerda sentado no trampolim, aos 13 anos, na inauguração da piscina suspensa do Sport Club. (ACERVO MÁRIO HELÊNIO)



Em 1º de janeiro de 1941, Mário Helênio teve seu primeiro registro profissional em carteira. Passou a integrar oficialmente o quadro de funcionários do Diário Mercantil. Ele ainda não tinha 16 anos. Essa precocidade profissional ganharia divulgação nacional quando ele acompanhou o pai a uma viagem à capital federal, na época o Rio de Janeiro. Lá chegando, se juntou a um grupo de profissionais que fora organizado pelo seu pai, também presidente da Associação de Imprensa de Minas, para a participação em um congresso.

Nessa ocasião, fugiu do hotel para ir a redação do jornal O Globo, que ficava no Largo da Carioca. Seu objetivo era conversar com Herbert Mozer, considerado um grande nome da imprensa nacional. Esta foi uma demonstração da paixão pelo jornalismo. Logo depois, em audiência que seu pai conseguiu junto a Getúlio Vargas, presidente da República, Mário participou de maneira ativa. O encontro acabou sendo registrado pelo jornal O Globo. Antes de completar a maioridade, Mário já era conhecido nacionalmente como jornalista. (CAMPOS E SANTOS, 1998, p. 27)



A nota do jornal O Globo, de 24 de junho de 1941, destacou o seguinte título: “Jornalista desde criança – **aos nove anos**, já fazia reportagens como profissional – fala ao Globo **o mais jovem trabalhador de imprensa**, no Brasil” (CAMPOS E SANTOS, 1998, p.158 – grifos nossos).

Mário formou-se em Direito pelo Instituto Granbery, em Juiz de Fora. Mas atuou apenas na função de vogal na Justiça do Trabalho. Do curso, ele levou para sua carreira profissional, especialmente no rádio, o título de “bacharel também em esportes”. Em 1948, ele, com 23 anos, começou a atuar no rádio. Seu primeiro contato com os microfones foi na Rádio Tiradentes, emissora de São João Nepomuceno, que mantinha em Juiz de Fora um estúdio, no centro da cidade. Ele foi convidado pelo locutor esportivo Céu Azul Soares, para atuar como comentarista.

E o destino reservava a Mário Helênio mais uma grande realização precocemente. Mal começou sua carreira radiofônica e participou de sua primeira cobertura envolvendo uma equipe estrangeira em Juiz de Fora. Um jogo entre a Seleção de Juiz de Fora e o time inglês Southmptom, no Estádio Procópio Teixeira, do Sport Club Juiz de Fora. A partida terminou 1 a 1 e Mário foi o comentarista.

Um ano depois, em 1º de agosto de 1949, passou a integrar a equipe de esportes da Rádio Industrial, uma nova emissora que surgia na cidade e que marcou época no jornalismo de Juiz de Fora.

Eu passei a gostar de rádio, e nessa hora eu também saí do jornal porque o Renato Dias Filho, que era nosso diretor dizia assim: Filhinho, faz o seguinte- você está muito tarimbado com o rádio, vai lá, fica lá. A hora que você cansar de lá, você volta. (ANDREOLA, 1995, anexo 12).

Na Rádio Industrial, além de jornalismo esportivo, Mário cobriu carnaval, política, polícia e grandes tragédias na cidade e no Rio de Janeiro.⁸ Uma das coberturas

⁸ Cobriu direto do Rio de Janeiro, o famoso “Crime do Sacopã” (CAMPOS E SANTOS, 1995, p.31); sobre esse caso, os registros da história nos informam que, “na manhã de 07 de abril de 1952, o corpo do bancário Afrânio Arsênio de Lemos, 31 anos, desquitado, morador do bairro do Engenho Novo, no subúrbio carioca, foi encontrado dentro de um Citroën negro, na Ladeira do Sacopã, Lagoa, Zona Sul do Rio de Janeiro. Ele fora morto com três tiros de revólver calibre 32. O corpo também apresentava 14 ferimentos provocados por coronhadas.” (LINHA DIRETA, Rede Globo. Disponível em: <http://redeglobo.globo.com/Linhadireta/0,26665,GJ0-5257-215917,00.html>; acesso em 21-01-2014)



mais importantes, nesta época, foi a transmissão da Copa do Mundo de 1950 ao lado de Maurício de Campos Bastos e Mauro Lucci. No Maracanã, a emissora era uma das que tinha direito a usar cabine própria, a de número 17. A atuação de Mário Helênio foi tão destacada que ele recebeu de Mário Filho, diretor do Jornal dos Sports, o convite para integrar a equipe do jornal carioca. “Nunca me atraiu deixar Juiz de Fora. Nascido e criado aqui, sempre achei que tinha que batalhar pela terra” (LERY SANTOS, 1990 – Depoimento ao Museu da Imagem e do Som).

Campos e Santos (1998) também relatam que, em 1950, Mário ainda participou de uma das primeiras transmissões televisivas da América Latina. Olavo Bastos Freire era um técnico que fazia experimentos em Juiz de Fora e é reconhecido por vários autores como um dos pioneiros a conseguir transmitir imagens na televisão. O jogo entre Tupi e Bangu foi, então, transmitido em 1950, ano no qual a TV chegou ao país. A iniciativa contou com a instalação de um aparelho de TV na marquise de uma das ruas principais de Juiz de Fora (Rua Halfeld), e causou perplexidade e entusiasmo por uma multidão que acompanhou a emissão. Nesta partida, Mário novamente aparece como pioneiro no comentário esportivo em televisão.

Em 1956, mudou de emissora. Saiu da Industrial para ser supervisor de esportes na PRB3, a mais antiga rádio de Minas Gerais.⁹ Assim, surgiu o “No Giro da Bola”, apresentado diariamente (segunda a sábado) das 11h30 ao meio dia, sempre na liderança de audiência na cidade. Foram 39 anos de programa com uma característica própria, que comentaremos mais à frente. Também em 1956 retornou ao Diário Mercantil, onde permaneceu até o fechamento do jornal, em 1983.

O envolvimento com o esporte foi tamanho, que Mário extrapolou a função de jornalista, acumulando-a com a de dirigente. Foi presidente da Liga de Vôlei, promoveu torneios de basquete, futsal, jogos intercolégiais, integrou o grupo de fundadores do Panathlon Club de Juiz de Fora. Por isso mesmo, tinha um ótimo relacionamento com autoridades esportivas de todo o país. Recebeu o título de Personalidade Esportiva de

⁹A primeira emissora a se instalar-se em Minas foi a Rádio Sociedade Juiz de Fora. Como se pode observar, a seguir, pela ordem alfabética dos prefixos, além de primeira de Minas, a mesma veio antes de várias importantes emissoras brasileiras.

PRB - 3 - Rádio Sociedade Juiz de Fora

PRB - 9 - Rádio Recorde - São Paulo

PRC - 7 - Rádio Mineira - Belo Horizonte

PRE - 5 - Rádio Sociedade do Triângulo Mineiro - Uberaba

PRE - 8 - Rádio Nacional - Rio de Janeiro

PRG - 3 - Rádio Tupi - Rio de Janeiro

Disponível em: <http://www.dpi.ufv.br/funcion/altino/radiodifusao.htm>; acesso em: 25/02-2014



Minas Gerais, em 1966. Um ano antes foi um dos convidados especiais para a inauguração do Estádio Minas Gerais, o Mineirão, como exibe a imagem 2.

IMAGEM 2 – Mário Helênio, ao centro, de roupa social clara, na companhia do filho, de oito anos, Mário Augusto, na visita ao Mineirão. (ACERVO MÁRIO HELÊNIO)



Por falar em estádio, após a inauguração do Mineirão, Mário iniciou a luta para que Juiz de Fora tivesse também o seu. O que viria acontecer em 1988, com a inauguração do Estádio Regional, mais tarde, Estádio Radialista Mário Helênio (1996). Sua credibilidade lhe rendeu, também, o prêmio Bola de Ouro por três anos (1986, 1987 e 1989).

IMAGEM 3 – Mário Helênio, à esquerda, recebendo o Prêmio Bola de Ouro, em 1987, ao lado do então presidente da CBF, Otávio Pinto Guimarães, e do presidente da FIFA, João Havelange. (ACERVO MÁRIO HELÊNIO)



Apesar de todas as conquistas, algumas decepções na profissão foram decisivas para o agravamento de seus problemas de saúde, em especial, o fechamento do Diário Mercantil, em 1983, a demissão do jornal Tribuna de Minas em 1984, por telefone, e a tristeza de ver o Olímpico, clube ao qual dedicou parte de sua vida como dirigente, o afastando após eleição de nova diretoria. No dia 25 de dezembro de 1995, Mário morreu aos 70 anos de idade.

II - O LEGADO

Para a construção da biografia deste pioneiro do jornalismo esportivo brasileiro, adotamos a seguinte metodologia: a viúva – dona Aparecida - e o filho – Mário Augusto - disponibilizaram todo o acervo fotográfico, documental e pessoal de Mário Helênio. Buscamos no acervo do município o depoimento do jornalista ao Museu da Imagem e do Som. Foram entrevistadas diversas pessoas que trabalharam diretamente com ele ou tiveram convivência pessoal, ou seja, fizemos a escolha de complementar essa biografia utilizando-nos da história oral. Conforme afirma Grendi (2009, p.35), partimos, assim, para uma contextualização e uma vocação analítica, “em que o objeto de análise é basicamente indicado pela série ou a rede de relações interpessoais”.



Thomson et al. (2005, p.78) acrescentam que “a história oral tem tido especial importância, não tanto por seus produtos, mas mais por seus processos: pelo envolvimento maior na recuperação e na reapropriação do passado que a história oral possibilita”. E foi pensando na consolidação desses processos que a equipe dessa pesquisa realizou, ao todo, 26 entrevistas gravadas em vídeo com pessoas que conviveram com Mário Helênio

Ressalta-se, ainda, que trabalhamos pela linha de raciocínio na qual a história é refletida com a vitalidade de resgatar a memória tão importante na proteção “contra a obsolescência e o desaparecimento, para combater a nossa ansiedade com a velocidade de mudança e o contínuo encolhimento dos horizontes de tempo e de espaço” (Huyssen, 2000, p.28). Inferimos, então, a partir do pensamento de Rousso (2005, p.94) que

a memória [...] é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto, toda memória é, por definição, coletiva

Optamos por apresentar neste artigo um resumo de algumas características marcantes do trabalho de Mário Helênio, levantadas a partir dos depoimentos obtidos. Aspectos que acabaram se tornando os legados deste profissional para o jornalismo esportivo. Um deles, a prioridade absoluta para o local em relação ao noticiário nacional e internacional. Independente da modalidade esportiva e de sua relevância, ele sempre priorizou o esporte local. Numa cidade com forte influência do Rio de Janeiro, em especial, no futebol, isso acabou sendo um diferencial na sua forma de atuar.

O apelido de “tesourinha” foi justificado em toda sua carreira. Paulo César Magella (2013), locutor da Rádio Solar (antiga PRB3) e editor geral do jornal Tribuna de Minas, lembra que Mário chegava à emissora para apresentar o programa com vários recortes de jornais, tabelas e anotações nos próprios espaços da notícia e, assim, falava seguidamente durante meia hora do programa.

O Mario pegava notícia na rua [...] nós somos de uma geração que não tinha internet; ele encontrava com alguém no Calçadão [da Rua Halfeld] “Mario, o jogo tal...” Aí, ele anotava num pedaço de papelzinho, virava do outro lado do papel, anotava outro dado, encontrava com outro; então, ele fazia o No Giro da Bola assim: “Bem amigos, estamos aqui com Fulano de Tal, o jogo tal acontece logo mais”; ia virando e tocava um programa inteiro assim, como se estivesse falando de improviso, e estava falando de improviso como se estivesse com um roteiro pela frente, o roteiro era ele mesmo.



Entre os depoimentos colhidos, várias curiosidades sobre o jeito de Mário Helênio manifestar sua paixão pela cidade. Flávio Vilella (2013), treinador de vôlei e amigo do jornalista, revela que todas as delegações que iam atuar fora da cidade, tinham com ele o compromisso de ligar para dar o resultado da disputa. Independente da hora que fosse o término.

Se a gente perdesse um jogo era muito complicado, por exemplo, às vezes quando a gente viajava se a gente demorasse muito a ligar para ele ou se você não ligasse, você tinha problemas seríssimos na sua volta; duas horas da manhã quem atendia era ele, três horas da manhã quem atendia era ele; e quando você demorava um pouco para ligar, ele já falava: “perdeu o jogo, já sei, perdeu o jogo.” Porque a gente também quando ganhava, primeira coisa que fazia era ligar imediatamente, porque ele cobrava muito esse resultado..

Essa versatilidade e a preocupação com o gerenciamento de todas as informações esportivas fizeram com que o jornalista e radialista fosse adquirindo alguns curiosos hábitos durante a sua trajetória profissional. O jornalista Ronaldo Dutra Pereira (2013) conta que era comum Mário Helênio ouvir três ou quatro jogos de futebol ao mesmo tempo, em emissoras diferentes, garantindo que conseguia acompanhar todos sem a menor dificuldade.

As comunicações naquele tempo eram precárias; você não tinha o que você tem hoje, como internet; as rádios pegavam muito mal, não eram digitais [...] ele trabalhava com rádio até de noite em casa [...] barulho de rádio de madrugada em casa, porque ele ouvia rádios do interior de São Paulo para pegar notícias do futebol do interior paulista para poder noticiar no dia seguinte na rádio dele.

Paralelamente, relembra a esposa, Aparecida de Lery Santos (2013), ele tinha ao seu lado a inseparável máquina de escrever, na qual datilografava, com apenas dois dedos (um de cada mão), todas as notícias que levaria ao seu programa na rádio.

Eu me lembro que ele ficava aqui escrevendo, na máquina, ele escrevia assim, só com um dedo, isso que eu lembro... Dormia tarde, eu chamava a atenção dele, às vezes olhava pela janela: “vamos deitar Mario”... “Não, ainda é cedo, pode ir, eu não vou agora não”; ficava escrevendo, um tal de escrever, na maquininha ou na mão, escrevia demais. [...] Gostava de acordar dez horas, fosse a hora que fosse que ele deitasse, dez horas tinha que chamar ele; aí, tomava café, ia embora; uma hora ele queria almoçar.

O jornalista Ronaldo Dutra Pereira (2013) reforça a lembrança, a partir dos momentos que compartilhou com o amigo nas redações:



Era uma figura assim sui generis, porque ele datilografava [...] com os dois dedos, os dois dedos indicadores; era interessante, porque ele trabalhava de manhã na rádio, o dia inteiro no Diário Mercantil e, de noite, colaborava no Diário da Tarde; então, uma hora, duas horas da manhã, o Mario Helênio estava caindo pelas tabelas de sono; então, começava a escrever; ele escrevia falando em voz alta, chegava assim: "Treinando hoje no Poço Rico, os titulares do Tupinambás golearam os reservas por 5 a 0"; falava e ao mesmo tempo que falava ia batendo, uma rapidez danada com os dois dedos; ia falando e ia batendo, de repente, parava e, quando você olhava para ele, estava dormindo, dava uma dormidinha de uns dez minutos; de repente, levava aquele susto e "... mas no segundo tempo os reservas reagiram"; retomava o raciocínio e continuava; era uma figura muito curiosa.

Tal dedicação nas redações por onde atuou, sem se importar com a hora, é ainda enfatizada pela viúva (LERY SANTOS, 2013):

Seu Zé Holanda era diretor de lá [Diário Mercantil], ele que telefonava: "Aparecida, chama o Mário, ele já acabou aqui, está cochilando na mesa"; eu morava ali na Mister Moore, pegava e descia, ali era perto do jornal, na Avenida Rio Branco; aí, ele ia a pé para casa; eu falava, "Mário, até essa hora no jornal?"... "Estava fazendo isso, aquilo, sei lá"; chegava três, quatro horas da manhã.

Torcedor do Tupinambás (clube mais antigo de Juiz de Fora) e do Flamengo, o jornalista recebe de todos os depoentes da pesquisa, a certeza de isenção no exercício profissional. No entanto, fora dos microfones, quando provocado sobre alguma derrota do clube carioca, sempre tinha uma resposta pronta que desarmava os adversários. Por sua conduta profissional, Mário sempre foi respeitado por atletas, dirigentes e colegas de profissão. Um de seus maiores admiradores foi o ex-jogador de vôlei, destaque da seleção brasileira nos anos 1990, Giovane Gávio, que teve sua carreira divulgada desde quando ainda era um simples estudante do colégio dos Jesuítas.

quando o Mario Helênio morreu, [...] a mãe do Giovane Gávio, o grande Giovane que era campeão olímpico e estava jogando em São Paulo no Banespa, a dona Leci telefonou para o Giovane e falou assim: "O Mário morreu"... "Mãe, não deixa fechar o caixão enquanto eu não chegar"; e saiu de São Paulo, viajou a noite inteira e chegou uns vinte minutos antes do sepultamento, porque ele queria se despedir do Mário, porque o Giovane sabia que o Mario era um dos maiores incentivadores da carreira dele, que começou no Bom Pastor (PEREIRA, 2013).

A credibilidade adquirida ao longo dos anos junto aos desportistas da cidade e de toda a região foi destacada também pelo fotógrafo e companheiro de redação Jorge Cury (2013):



[...] ele criou esse carisma em Juiz de Fora, porque tudo mundo via o Mário Helênio, assim, um repórter que conhecia o esporte, compartilhado de todos os clubes de Juiz de Fora; ele era a pessoa que fazia as coisas com amor, com interesse, não de si próprio, mas interesse da cidade, porque era um elemento que atingia toda a parte de esporte de Juiz de Fora, basquete, voleibol, do clube de ginástica; antigo clube de ginástica, tudo isso fazia com o maior prazer. E viveu a vida diferente de todos os jornalistas que havia aqui na época, diferente;

O professor Juarez Venâncio (2013) reitera esse diferencial na formação e na atuação do jornalista:

No esporte, sempre consegui separar; você sabe que ele era Academia em colégio¹⁰, sabe que ele é Baeta¹¹ no futebol, e no esporte amador ele era Olímpico, a alma daquele time de vôlei do Olímpico. Ele conseguia separar essas coisas, porque o Mário fez um jornalismo diferente, fez um jornalismo que valorizava a nossa cidade, o clube e o atleta, acima de tudo.

Entre os muitos legados deixados por Mário Helênio, um dos mais conhecidos e, da mesma forma reconhecidos, foi o fato de ter o seu nome atribuído ao Estádio Municipal de Juiz de Fora, pouco menos de um ano após a sua morte. O colunista social e companheiro de redações, César Romero (2013), lembra de quando sugeriu ao poder público a homenagem:

Eu fiquei pesaroso com o falecimento do Mário Helênio; era uma pessoa que eu admirava como jornalista, como pessoa e aquele convívio diário de muitos anos [...] e naquele momento que eu recebi a notícia, com muita tristeza, eu imaginei o seguinte: “bom, vou fazer uma nota amanhã que a maior homenagem que a cidade poderia prestar ao grande Mario Helênio de Lery Santos, seria com o nome ao estádio, um espaço esportivo por quem ele tanto divulgou, ele foi um dos maiores incentivadores, que a cidade tivesse esse templo do futebol”.

Para o filho, Mário Augusto (2013), o nome ao estádio “é um reconhecimento da cidade pelo o que ele fez”. Nesse sentido, acrescenta Mário Augusto:

¹⁰ Referência ao tradicional Colégio Cristo Redentor, conhecido na cidade e região como Academia de Comércio.

¹¹ Referência ao tradicional clube juiz-forano Tupinambás.



eu até acho, assim, ele fez muito mais pro esporte amador, para a juventude, do que para o futebol, apesar de que também acho que colaborou, na divulgação, na gestão, mas para os outros esportes todos, ele deu uma contribuição até maior do que para o futebol, mas em termos de reconhecimento, acho que não poderia ter um reconhecimento maior do que esse.

Os depoimentos obtidos durante essa pesquisa são reveladores de uma história que transcende o homem e o profissional Mário Helênio, em especial pelo fato de que as narrativas de sua vida ajudam a evidenciar aspectos sociais e culturais do município de Juiz de Fora, do Estado de Minas Gerais, e de outras importantes regiões do país.

III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as impressões e recordações reunidas nesse trabalho sugerem a reflexão de que um dos maiores expoentes dessa relação de intercâmbio de conhecimentos e de experiências entre o esporte e o jornalismo esportivo, foi Mário Helênio de Lery Santos. Jornalista, radialista, advogado e dirigente esportivo, Mário Helênio ficou conhecido nacionalmente pelo fato de, primeiramente, ser um dos expoentes no incentivo ao esporte de uma forma geral.

Como dirigente, trouxe contribuições fundamentais para o desenvolvimento de práticas esportivas em Juiz de Fora, como o vôlei, e para o crescimento de agremiações também esportivas, como o Clube Atlético Olímpico (EDSON E VILELLA, 2013). Como jornalista e radialista, escreveu sua marca na história da imprensa pelo dinamismo com o qual lidava com a tecnologia de cada época, sempre com o intuito de aprimorá-la para o desenvolvimento das linguagens informativas, seja do esporte ou do meio de comunicação para o qual atuava.

IV – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREOLA, Márcia Regina Gonçalves. **Diário Mercantil**. Um marco no jornalismo de Juiz de Fora. Projeto Experimental apresentado à Faculdade de Comunicação Social da UFJF, 1995.

AUGUSTO, Mário. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.

CAMPOS, Antônio Marcos de Nazaré; SANTOS, Darlan Roberto dos. **Mário Helênio: uma história de amor ao jornalismo**. Trabalho de conclusão de curso – Facom – UFJF, 1998; orientação professor Márcio de Oliveira Guerra.



CURY, Jorge. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.

DIÁRIO MERCANTIL. Publicação de junho de 1978.

EDSON, Pedro. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.

GRENDI, Edoardo. **Paradoxos da História Contemporânea**. In: OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de; ALMEIDA, Carla Maria Carvalho de (orgs). **Exercícios de micro-história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Tradução de Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2ª edição, 2000.

LERY SANTOS, Aparecida de. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.

LERY SANTOS, Mário Helênio de. **Entrevista concedida ao Museu da Imagem e do Som – Juiz de Fora/MG**, 1990.

MAGELLA, Paulo César. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.

PEREIRA, Ronaldo Dutra. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.

ROMERO, César. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.

ROUSSO, Henry. **A Memória não é mais o que era**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

THOMSON, Alistair et al. **Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

VENÂNCIO, Juarez. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.

VILELLA, Flávio. **Entrevista concedida aos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC)**, da Facom-UFJF, 2013.